RUFANDO BOMB NEWS Notícias sem rodeios

Sábado, 21 de Novembro de 2026

Agora a porca torce o rabo/ Sérgio Cintra

Opinião

Redação

O imperialismo estadunidense, marcado pela disputa por mercados e pela imposição de interesses econômicos, ameaça a autonomia comercial de países emergentes, como o Brasil. No cenário internacional, a concorrência entre grandes exportadores de alimentos ultrapassa a simples oferta e procura, tornando-se instrumento de pressão geopolítica.

Nesse contexto, chama a atenção a decisão das Filipinas de restringir, por 60 dias, as importações de carne suína de fornecedores como o Brasil. Anunciada em novembro de 2026, a medida atinge um dos mercados mais importantes da suinocultura brasileira, gerando insegurança, prejuízos e dúvidas sobre a estabilidade das relações comerciais. Afinal, quando disputas de poder entram em cena, as regras do livre comércio são colocadas à prova.

A competitividade nacional explica a dimensão do problema. Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), em 2025, o preço médio de exportação da carne suína estadunidense foi de cerca de US$ 2.552 por tonelada, contra US$ 1.982 do produto brasileiro (valores em equivalente-carcaça). Essa diferença de cerca de 22% torna nossa carne muito mais atrativa.

Para as Filipinas, que enfrentam desafios de abastecimento e buscam equilibrar os custos da alimentação da população, comprar do Brasil é vantajoso. Além do preço, o país oferece escala produtiva, qualidade sanitária e capacidade de entrega. Não por acaso, em 2025, os filipinos importaram 392,9 mil toneladas de carne suína brasileira, consolidando-se como nosso maior comprador. Nesse tabuleiro, a eficiência brasileira incomoda concorrentes e mostra que o país não pode abrir mão de sua posição estratégica.

Diante do embargo temporário, é preciso agir nas frentes diplomática e comercial. Cabe ao governo federal, junto à Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), intensificar negociações com Manila, apresentar argumentos técnicos para reverter a restrição e garantir segurança jurídica aos contratos vigentes. Paralelamente, urge acelerar a diversificação de destinos na Ásia, África e América Latina, além de fortalecer o consumo interno e oferecer linhas de crédito aos pequenos e médios produtores, os mais afetados pela queda nos embarques e nos preços domésticos.

Embora a carne suína brasileira chegue a vários países — liderados em 2025 por Filipinas (392,9 mil toneladas), China (159,2 mil), Chile (118,6 mil), Japão (114,4 mil) e Hong Kong (110,9 mil) —, a alta concentração em poucos destinos e o avanço protecionista ameaçam conquistas históricas.

O perigo dessas pressões externas está em transformar a força econômica em coerção, enfraquecendo a soberania de outras nações. Quando a disputa comercial abandona a reciprocidade e privilegia o poder, acende-se um alerta grave: hoje é a carne suína; amanhã será outro setor estratégico. É hora de defender

nossos produtores, diversificar parcerias e exigir respeito. Afinal, “Agora a porca torce o rabo (se ela não for rabicha.)”

Sérgio Cintra é professor de Linguagens e servidor do TCE-MT.

sergiocintraprof@gmail.com